

Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico

Leonardo Damasceno de Sá

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MENDONÇA FILHO, M., and NOBRE, MT., orgs. *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa* [online]. Salvador: EDUFBA; São Cristóvão: EDUFES, 2009. 368 p. ISBN 978-85-232-0624-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico

Leonardo Damasceno de Sá

O objetivo deste texto é desenvolver reflexões metodológicas sobre o trabalho de campo, a partir do relato de uma experiência de pesquisa, ainda em andamento, sobre as noções de pessoa, corporalidade e violência entre crianças e jovens das periferias de Fortaleza. Se, de um lado, pretende-se registrar o relato da experiência de campo, a fim de problematizar o caráter micropolítico da prática de conhecimento adotada; de outro, busca-se levantar questões teórico-metodológicas sobre o trabalho de campo etnográfico que tenham valor heurístico para o desenvolvimento ulterior da pesquisa.

Trata-se de uma experiência narrativa de *work in progress*. Um documento que é o resultado da reflexão sobre 12 meses de pesquisa de campo com uma rede de crianças e jovens moradores do Serviluz.¹ Os sujeitos dessa rede estão mobilizados em um movimento coletivo automeado Serviluz Sem Fronteiras. Faço parte desse coletivo como consultor, pesquisador e membro do conselho orientador. É enredado nessa trama como educador social, militante político e pesquisador, simultaneamente, que nasce o argumento deste texto sobre a natureza micropolítica do trabalho de campo antropológico.

TRABALHO DE CAMPO E EXPERIMENTOS ETNOGRÁFICOS

Para além de um processo de socialização profissional e de treinamento, o trabalho de campo é uma prática de incorpo-

ração de princípios intelectuais e de valores políticos e/ou cognitivos de uma comunidade científica. O trabalho de campo é um modo de produzir pertencimentos sociais múltiplos. Pelo trabalho de campo, firmamos o pertencimento acadêmico não só à comunidade dos pesquisadores socioantropológicos das ciências sociais, mas também à comunidade de sujeitos pesquisados, entre outros pertencimentos que provocam questões de identificação do sujeito pesquisador, que se desdobram em um modo específico de produzir conhecimento engajado.

O trabalho de campo etnográfico é o campo de divisão entre aqueles que partilham os valores metodológicos da antropologia e da sociologia; é um modo de ter garantias de usufruto a esses valores. Julga-se, na tradição da antropologia como disciplina acadêmica, que o campo faz antropólogos, pois, o conhecimento antropológico é baseado e garantido pelo trabalho de campo. Há uma relação inextrincável entre antropologia e etnografia que é objeto de um longo debate na disciplina².

Faz parte desse processo de personificação do ofício de pesquisador realizar reflexão inovadora sobre novas práticas e convenções do trabalho de campo, que envolvem discussões a respeito da espacialização da diferença, tensões nas distinções entre sujeito e objeto, rupturas com visões consolidadas do campo imaginadas na base de comunidades territoriais estáveis, discussões sobre modos de aquisição de conhecimento em situações rotineiras de campo, entre outras (GUPTA e FERGUSON, 1997). Como se discute, pelo menos desde a década de 1980, os processos de desconstrução do saber e método antropológicos envolvem a busca por novos modos de pesquisa e de análise (CALDEIRA, 1989).

A revitalização constante do trabalho de campo nos levaria a pensar o campo pelos processos de localização, pois o senso aguçado de localização é uma das especialidades do trabalho de campo antropológico, de modo que visualizar as relações sociais de um ponto de vista político é pensar o trabalho de cam-

po como uma forma de intervenção situada no campo ou uma estratégia de intervenção, na qual o pesquisador pode atuar numa rede de produção de conhecimento, localizada no campo como um projeto político (GUPTA e FERGUSON, 1997)³.

Nesse sentido, parece-me, heurísticamente, alentador, recorrer à ideia de alteridade discursiva, desenvolvida por Viveiros de Castro (2002a), de modo a perceber a base de semelhança existente nas relações sociais que criam o conhecimento antropológico como um discurso que discorre sobre discursos numa relação de sentido que não é de identidade, mas de tensão criativa e interativa entre os modos de conhecimento e reflexão nativos e aqueles da antropologia.

Ainda segundo Viveiros de Castro (2007), mais do que reconhecer, classificar e avaliar o mundo social dos outros, o desafio do conhecimento antropológico aparece como modo de criar e interagir com a multiplicidade estudada. A relação social, como nos lembra Viveiros de Castro, é relação de transformação, é transformacional, e conhecimento que não se enquadra na lógica da demonstração do significado do outro, mas na lógica do multiplicar as agências de criação em complexa aliança com nossa não compreensão do outro, portanto de nós mesmos. A implicação política de pensar nos regimes conceituais do pensamento nativo, ou seja, no modo como os nativos conceituam a noção de perspectiva nativa, faz funcionar a verdade do relativo, portanto da variabilidade do mundo social pesquisado.⁴

Mas, no contexto dessa discussão, o que seria realizar propriamente o trabalho de campo como empreendimento micropolítico? Quem estaria apto e autorizado a isso, ou seja, a nomear o sentido da micropolítica? Onde isto se localizaria no processo da pesquisa? Mais do que respostas definitivas, buscaremos situar etnograficamente o problema pelo relato da experiência.

PESSOA, CORPO E VIOLÊNCIA

Corpo, pessoa e violência são simultaneamente temas que me conduzem ao esforço compreensivo da investigação de campo empreendida e ao movimento de elaboração metodológica dos instrumentos heurísticos da pesquisa teórica que a anima. São temas, sensibilidades, conceitos, categorias e objetos que me orientam à análise da fabricação do corpo, do processo de personificação e de constituição da violência guerreira entre os jovens do Serviluz, ou pelo menos, sobre o modo como podem ser apreendidas suas relações sociais pelo modelo interpretativo circunscrito pelo recorte etnográfico da pesquisa. Qual o alcance teórico da produção de conhecimento realizada pela teorização etnográfica? Como escapar aos reducionismos cegos que repõem sem cessar as oposições do sujeito puro ou do objeto puro?

Mais do que discutir abstratamente essas questões epistêmicas, a pesquisa nas periferias de Fortaleza nos permite visualizar problemas clássicos da antropologia em situações contemporâneas marcadas por temporalidades disjuntivas quanto às formas de pensar, organizar e interagir das crianças e jovens que são sujeitos da pesquisa. Como crianças e jovens da “favela” expressam suas atividades simbólicas sobre os atributos da pessoa, do corpo e da violência? Como as relações sociais desses jovens funcionam baseadas e orientadas por categorizações que organizam a experiência do sujeito, do corpo e da alteridade violenta? Como empreender uma leitura sobre a natureza eminentemente simbólica das relações sociais, a fim de discorrer sobre os sentidos que os jovens do Serviluz atribuem a si mesmos e aos seus inimigos, em termos de identidade e alteridade e dos agenciamentos de poder que produzem esses termos? Como circunscrever empiricamente os processos socialmente produzidos da alternância entre o ideal de ego desses jovens e o modo de relação com a alterida-

de, em especial, com as relações de imanência com os inimigos? Como incluir as reverberações simbólicas da violência do Serviluz no contexto local da violência reservada pelos inimigos ao Serviluz?⁵

NOTÍCIAS DE UMA LOCAÇÃO URBANA

Serviluz é uma aglomeração humana quase urbana, quase praiana e quase mundial cuja história recente se confunde com a da construção do Porto do Mucuripe, iniciada em 1939. O Porto do Mucuripe é um dos principais do Brasil, orientado para navegação de cabotagem com forte movimentação de cargas e mais recentemente de navios de turismo que aportam à cidade de Fortaleza. Na enseada do Mucuripe, várias comunidades de pescadores foram surpreendidas pela modernização forçada pelo complexo portuário.

Levas de migrantes, fugindo da seca nos sertões do Ceará, buscaram oportunidade de emprego e/ou bicos com o processo de construção do Porto do Mucuripe: trabalhar como estivadores ou então em serviços informais focados no dia-a-dia dos estivadores do cais, como serviços de alimentação e domésticos. A prestação de serviços sexuais tornou-se também uma atividade central, até porque houve deslocamento de antigas zonas de prostituição da cidade, localizadas próximas ao centro para o Serviluz.

A maior parte das famílias é de migrantes de cinco regiões do interior do Estado do Ceará. A origem dessas famílias está inscrita pelas posições das moradias de modo que é possível identificar lugares de concentração da migração. Os atributos do lugar de moradia na favela se confundem com as atribuições imputadas à qualidade das pessoas que o habita. Deste modo, temos os moradores da Estiva, da Favela e/ou Farol, do Campo, do Titanzinho e da Pracinha⁶. O contato com as

redes familiares baseadas no interior é constante, inclusive envolvendo intercâmbio para os jovens visitarem seus parentes no interior e para que os jovens do interior tenham base na capital para a realização de suas trajetórias em busca de colocação no mercado, fuga ou estudos e vice-versa. Jovens em conflito com a lei ou marcados para morrer, por exemplo, podem fugir para o interior e viver com suas famílias para evitar tragédias ligadas aos ciclos de vingança.

O lugar conhecido como Farol, por comportar o farol velho da cidade, tornou-se uma zona de meretrício com cabarés que atraem população local, estivadores e pescadores, marinheiros, homens da cidade de Fortaleza e “gringos” (estrangeiros) em geral.⁷ Portanto, o Serviluz envolve população urbana de origem interiorana, misturados com estrangeiros de várias partes do mundo, principalmente, portugueses, espanhóis, franceses e americanos, mas também com frequência marinhairos havaianos e filipinos, que promovem brigas públicas pelas mulheres do Serviluz em bares e boates e são conhecidos localmente pelas arruaças.

O regime local da prostituição masculina e feminina é decisivo para as definições das pessoas e das famílias do lugar. Por exemplo, famílias que se deslocaram expulsas pela construção do Porto, que foram habitar na Praia Mansa, foram expulsas novamente e se mudaram para o Titanzinho.

A Praia Mansa virou um lugar com sentido mítico e um importante caráter cosmológico na vida dos moradores do Serviluz, como uma natureza artificialmente reconstituída que passa a ser referência de um paraíso perdido pelos moradores, uma vez que foram expulsos de suas casas pela autoridade portuária, que resolveu fechar o acesso a essa faixa de terra vizinha ao Titanzinho. Muitos dos jovens com quem estou convivendo nasceram na Praia Mansa.

Algumas crianças e jovens moram sozinhos nos barracos legados pelas mães que estão ganhando a vida na Itália, em

Portugal, na Espanha e em outras partes do mundo. Há indícios, investigados pela polícia, de um esquema de tráfico de seres humanos para a Europa, visando a várias formas de prostituição e até escravidão sexual, tendo como ponto de partida o Serviluz. Tráfico de armas e comércio de drogas são elementos constitutivos da vida social do lugar. As guerras das gangues que vitimam dezenas de jovens todos os anos estão ligadas a esses mercados ilegais.

A ESQUINA DA CIDADE

O Serviluz funciona, nos mapas de seus moradores, como esquina da cidade de Fortaleza: é o início do litoral leste e o final do litoral oeste. Do Serviluz, olha-se a oeste para a Barra do Ceará e a leste para o Caça e Pesca. Costa oeste e costa leste são traçadas a partir do Serviluz. Faixas de praia, antes desprezadas pela especulação imobiliária, viraram atualmente objetos de forte luta e disputa entre o campo popular e o campo empresarial, como se autodenominam, nos jornais da cidade, os atores políticos envolvidos nos debates sobre o novo Plano Diretor de Fortaleza.

Da praia do Titanzinho, formada pela construção de um dos espigões (molhe de pedras, avançando cerca de 200 metros sobre o mar) que foram construídos a partir da expansão do porto da Praia de Iracema, no centro da cidade, para o Mucuripe, avista-se uma paisagem urbana singular. Torres eólicas localizadas na Praia Mansa, trecho de terra artificialmente formado pela concentração de areia devido ao impacto ambiental da construção do espigão de pedra avançando sobre o mar, confundem-se com os guindastes imensos da área portuária. Prédios dos moinhos de trigo circundam o Serviluz juntamente com o complexo petrolífero da Petrobras. Enquanto as crianças e jovens surfam e os pescadores artesanais navegam com seus botes, os imensos navios transatlânticos

passam ao fundo abarrotados de turistas para a rede hoteleira da cidade turística.

O bairro, como já dissemos, está localizado nas vizinhanças do Porto do Mucuripe, onde funcionam os gigantescos Moinhos de Trigo, o Complexo Petrolífero da Petrobras e os galpões das Docas do Ceará. Não existe oficialmente como bairro; portanto, é classificado como fronteira entre os bairros Cais do Porto e Vicente Pinzón. A oito quilômetros do centro de Fortaleza, está rodeado pelas áreas turísticas da Praia do Futuro, onde se localizam barracas de praia, pelas dunas; onde se localizam de modo contíguo e em regime de ocupações irregulares, várias favelas e mansões de gente rica e poderosa, e pela Beira-Mar, onde se localizam os prédios e hotéis mais luxuosos da cidade de Fortaleza.

A miséria dos barracos das favelas, onde o crack impera como fator destruidor das pessoas, contrasta com a riqueza dos casarões, onde os muros e esquemas de segurança privados, quase sempre envolvendo agentes de segurança pública, atuando como milícias privadas, não deixam os olhares e corpos circularem sem estar submetidos a um sistema de vigilância permanente, envolvendo milhares de policiais que fazem a gestão punitiva das populações das periferias.

O LUGAR DO ESTIGMA E O NÃO LUGAR DA VIOLÊNCIA

Com uma população de aproximadamente 35 mil habitantes, com aproximadamente oito mil jovens, o Serviluz é uma das mais estigmatizadas favelas da cidade. É uma favela cujos habitantes são temidos pelos habitantes da cidade. E são temidos também pelos seus próprios moradores. Há uma persistência no imaginário da cidade de Fortaleza em relação ao perigo do lugar. Portanto, quando iniciei meu trabalho de campo, em março de 2008, a principal resistência que encon-

trei foi a emanada desse imaginário de medo e violência, que estigmatiza o bairro Serviluz como “favela” perigosa, de bandidos, marginais, drogas e prostituição.

O bairro é imaginado, de modo generalizado, como lugar de bandidos, assaltantes, sequestradores, prostitutas, palco de guerras entre gangues juvenis, homicídios e comercialização de drogas. Ademais, como já indicamos, encontra-se como uma das mais antigas zonas de baixo meretrício, muito fortemente ligada ao fluxo de marinheiros, estivadores, turistas e clientes em geral da prostituição local e da metrópole: a zona do Farol. Esse fato traz um elemento de estigma sexual para o lugar. Os jovens, moças e rapazes, além de serem assediados por demandas de consumo de drogas da cidade, também o são por demandas de serviços sexuais.

Os jovens do lugar vivem em situação de quase confinamento, uma vez que as ações policiais cotidianas e as ações das gangues rivais transformaram o bairro numa prisão fora de prisão. Essa percepção socialmente compartilhada pelos jovens do Serviluz ganha reforço pelo fato de que a maioria dos jovens tem algum familiar, amigo e/ou conhecido preso. A passagem pelo mundo do crime, pela drogas e pelas guerras com a polícia e/ou gangues rivais é traço marcante da vida dos jovens, daqueles que estão diretamente “envolvidos” ou dos segmentos jovens residentes no bairro.

O bairro do Serviluz, localizado na cidade de Fortaleza, não possui, portanto, existência oficial. A ele, é negado o direito da institucionalidade proposta pelo Estado. Os moradores do Serviluz ou são identificados pela Prefeitura Municipal de Fortaleza como habitantes do Cais do Porto, de um lado, ou do Vicente Pinzõn, de outro. Essa oscilação na representação oficial do bairro, como se pretende explorar na pesquisa, é central para a localização dessa comunidade de pessoas.

O Serviluz, então, é um bairro, uma favela ou uma comunidade? Oficialmente, não é um bairro, pois não consta dos

recortes oficiais da cidade de Fortaleza. Na representação municipal, o Serviluz fica na fronteira entre dois bairros: o Cais do Porto e o Vicente Pinzõn. Essa oscilação da categorização sobre o Serviluz nos deixa entrever um dos dilemas mais importantes da população local. Uma alternância no modo de representar a natureza da aglomeração humana que afeta os modos de personificação das relações sociais locais. Apesar dessa falta de garantia oficial para a representação do Serviluz como bairro, os moradores da favela preferem se classificar como moradores de um bairro.

Quando os jovens vão procurar emprego no mercado de trabalho, abrir contas em bancos, ou qualquer outra atividade que exija uma identificação idônea, quase sempre de base moral, eles tendem a usar o endereço dos bairros oficiais citados, ou até mesmo de dois bairros dos arredores (Praia do Futuro e Mucuripe) que possuem uma imagem menos carregada de preconceitos e estigmas.

Também nas mídias jornalísticas (jornais impressos, rádios e programas policiais televisivos), quanto entre moradores de outros bairros da cidade de Fortaleza, e, também, nas falas da autoimagem negativa dos moradores do bairro, Serviluz é visto como lugar de bandido, de brigas de gangues, de ladrões, assaltantes, cabarés, prostituição e miséria.

Na linguagem do poder público, trata-se de um território de vulnerabilidade social, onde crianças e adolescentes vivem de modo generalizado em situação de risco. Aliás, a Defesa Civil de Fortaleza considera o Serviluz uma área de risco, pois está no quintal da distribuidora da Petrobras, onde se armazenam produtos inflamáveis e altamente explosivos: as explosões fazem parte da vida do Serviluz, assim como a falta de água, de luz e de saneamento básico, o avanço do mar ameaçando os barracos e os ventos que trazem muito areia para dentro das casas; no Serviluz as narrativas dos jovens nos falam de refeições servidas com areia.

ONDE COMEÇA A FAVELA SERVILUZ?

Onde começa e termina a favela? Onde a favela se localiza? Estamos no mundo da favela, da periferia, da comunidade ou do bairro? Quem nomeia o lugar da favela? Como estar diante do outro sem o tomarmos como objeto de informação e sujeito de classificação do poder? Esse outro, “favela”, marcado pelo estigma de ser outro indesejável pelos segmentos estabelecidos da metrópole? Com essas questões, a título de provocações etnográficas, gostaria de reportar algumas noções sobre o que antecede o contexto da pesquisa.

Estamos, portanto, diante de um coletivo humano de aproximadamente 35 mil pessoas, dos quais 15 mil são eleitores, distribuídos em aproximadamente 5.300 residências. Dessas 35 mil pessoas, mais ou menos oito mil são jovens com idades entre 15 e 24 anos. Quantas crianças existem no bairro é um cálculo que está por ser feito. Mas as pessoas costumam dizer que no Serviluz não se sabe a conta de quantas crianças há, pois todos os dias nascem muitos. Essa representação sobre a infância é um das portas de entrada mais significativas no universo cultural do bairro.

Essas estatísticas são locais. São produzidas pelos vereadores locais, para terem melhor controle do voto. Aliás, a expressão local de associativismo é impressionante. Mais de 30 associações comunitárias. Quase todas efetivamente fechadas, servindo, em alguns casos, segundo relatos dos moradores, a propósitos de desvio de recursos públicos. As narrativas dos jovens apontam alta insatisfação com as chamadas lideranças comunitárias, que são designadas como corruptas, clientelistas, entre outros epítetos desabonadores.

Do ponto de vista da espacialização das relações sociais, o Serviluz possui marcadores de lugar que são apontados pelos moradores como estratégicos para a organização do bairro.

Em primeiro lugar, as igrejas. São 18 igrejas católicas e evangélicas. Os terreiros de umbanda não foram contabiliza-

dos pelos meus informantes, apesar de terem me apontado as casas onde funcionam alguns deles. Em segundo lugar, temos a questão do associativismo, meus informantes fazem piada com a quantidade de associações existentes. São 26 associações. Ademais, existe um centro comunitário e uma casa de idosos que parecem merecer mais apreço dos moradores. Essas associações são quase sempre representadas como ligadas a políticos que atuam no bairro ou a líderes que os representam; portanto, há um sinal de desconfiança constante entre moradores e representantes de associações de moradores. Narram-se casos de desvio de alimentos, de cestas básicas; de associação ao crime, ao narcotráfico, à prostituição, enfim, a maioria das associações não goza de boa reputação entre os moradores com quem venho entabulando diálogos. Em terceiro lugar, há a existência de um posto de saúde e de um posto policial. Esses dois lugares são centrais na vida cotidiana do bairro. Antes do posto de saúde, os moradores dependiam muito da ajuda de outros moradores para conseguirem transporte a fim de chegar a postos circunvizinhos. Há relatos de que esta situação mudou após a inauguração do posto de saúde do Serviluz. Já do ponto de vista do posto policial, há um consenso de que houve um retrocesso. Os moradores apontam que eles tinham antes, no lugar onde hoje funciona o Grupamento Policial Militar (GPM), na avenida da frente, a Avenida Zezé Diogo, um distrito policial e afirmam que, entre outros fatores, a explosão de violência no bairro teve relação direta com o deslocamento do nono distrito para as dunas; segundo eles, para atender reivindicação das famílias ricas, que se sentiam constrangidas de serem obrigadas a entrar no Serviluz para ter acesso ao serviço da delegacia. Depois que a delegacia se foi, os moradores apontam ter ocorrido um processo de degradação das relações de mediação realizadas pela polícia civil. Exatamente na mesma casa onde funcionava o distrito, agora funciona o GPM. São abundantes as narrati-

vas cotidianas sobre a truculência, as torturas, a corrupção e a vigilância ininterrupta promovidos pelos policiais militares do GPM. Esses policiais andam em duplas motorizadas, em motos, com coletes à prova de balas, sem cobertura (ou seja, sem capacete ou quepe que os identifique de longe como policiais militares, o que, como citado em outros contextos de pesquisa sobre violência policial, costuma identificar atitude de matador, ou seja, o policial não cobre a cabeça para não ser visto de longe, e poder assim em vez de ser ostensivo, surpreender os suspeitos).

Os jovens conhecem os policiais pelos apelidos e me contam as situações de tortura, de espancamento e extorsão que sofreram nas mãos de cada um deles. A relação entre policiais militares e jovens na favela é muito próxima e, portanto, muito tensa, muita arriscada. Policiais militares já foram assassinados por jovens e também já exterminaram jovens. Os relatos são corriqueiros sobre isso.

Os moradores apontam que os pontos negativos do bairro Serviluz são o analfabetismo, o desemprego, as drogas, a prostituição, os homicídios, os latrocínios, o descaso social, o descaso esportivo, o descaso com a saúde e as famílias desestruturadas. Mas o que os incomoda muito é o esgoto de puro sangue. Um esgoto a céu aberto de puro sangue, que corta as ruas do Titanzinho e é despejado na praia, onde eles surfam, jogam bola e moram. Trata-se de um abate de galinhas. Toda semana o caminhão de galinhas chega. Começa o abate. Apesar de o Projeto Sanear passar em frente ao abate, o proprietário parece terminantemente recusar-se a fazer a ligação para não assumir o custo. Algo em torno de 200 reais pelo que me disseram. Deste modo, todo o sangue é despejado na praia. O cheiro de sangue e o vermelho de sangue correndo pelos esgotos a céu aberto e o contraste desse esgoto com a areia branca da praia onde as crianças brincam mobiliza comção das pessoas da comunidade. Gera revolta franca e

aberta. Contra quem? Contra o mundão, contra o sistema e contra si mesmos.

As crianças do Serviluz crescem no mundão. Aprendem com ele. São acolhidas e rejeitadas pelo mundo por não terem tido acolhimento em suas famílias. O que é mundão? Mundão é algo que se diz de boca cheia. Palavra cheia que representa simbolicamente tudo o que se sofreu e o que se tem para sofrer, mas também representa a dor e o sofrimento individual, da trajetória individual que, no Serviluz, é parecida com a de todos. O mundão é o lugar da irmandade no crime. Mas também da irmandade na sobrevivência, o que implica principalmente receber afeto, carinho e atenção de alguém. Os jovens de sexo masculino, por exemplo, ao mesmo tempo em que são guerreiros, são muito carinhosos entre si, inclusive com contatos corporais muito próximos e íntimos. Eles se abraçam, andam abraçados e não têm pudor de ficarem abraçados uns aos outros. O corpo recebe dos amigos, o que precisa receber da família. Mas a família onde está? Onde ela se localiza? Onde está a mãe? Na Itália, se prostituindo? Na pedra? Se acabando na pedra? Com quem? Onde? Onde estão as mães do Serviluz? E os pais? Quem são os pais? Onde andam? Em quais países?

Os jovens com quem convivo me dizem frequentemente que, dos 35 mil moradores, dois terços são de crianças e jovens. Se é exato, não sei, mas o significado disso é que, na percepção deles, o Serviluz está abarrotado de crianças e jovens. Muitas crianças sem pais, criadas por familiares ou conhecidos, crianças com pais presos, crianças com mães viciadas em crack, crianças que nasceram em bordéis, filhas de prostitutas, crianças criadas como “bicho solto”. Ser criança no Serviluz é nascer guerreiro/a. Esse atributo da pessoa nascida e criada no Serviluz é quase uma res-salva, um parêntese com o qual os jovens do bairro comunicam o alto grau de dificuldade de garantir a vida.

As pessoas no Serviluz são pescadores, surfistas, mergulhadores natos, marinheiros e vivem quase todos os tempos

de bicos. Como já sugerimos em relação à posição da Praia Mansa, no imaginário local, o Serviluz, na imagem de sociedade dos jovens do bairro, é o paraíso perdido. Como os jovens são quase todos praticantes do surfe, o Serviluz é um celeiro de campeões cearenses, brasileiros e mundiais de surfe profissional; essa é a maior fonte de orgulho próprio local. Os campeões de surfe que moram no bairro ou que voltam de tempos em tempos para visitar amigos e familiares fazem circular os valores da imagem guerreira dos Titãs, dos moradores do Titanzinho, a principal praia do Serviluz, considerado um dos melhores “picos” de surfe do mundo, mas que foi abandonado pelo circuito de produção de campeonatos cearenses e brasileiros, por causa da violência e da criminalidade, que afetam duramente o bairro, desde suas origens, mas que recrudesceram, na narrativa história dos jovens, com o acirramento de conflitos entre surfistas locais e surfistas “playboys” disputando as melhores ondas locais. Os jovens relembram os tempos heróicos do surfe de tábuas, quando alguns dos atuais campeões não tinham pranchas profissionais, e os surfistas playboys, de fora do bairro, não emprestavam suas pranchas e ainda distribuíam “cascudos” entre a meninada local. Essa história é uma narrativa importante, pois canaliza uma série de ressentimentos com pessoas de fora, que se aproveitariam das coisas boas da praia do Titanzinho e pouco dariam em troca.

De certo modo, há uma forte noção de derrota que se abate sobre esses jovens, que se consideram guerreiros por viver em condições tão adversas. Talvez, as guerras dos Serviluz tenham a ver com isso. Desde os anos 1990, ocorreram três grandes guerras, como aparece nas narrativas dos jovens. Eles guardam de memória os nomes de todos os jovens que tombaram nessas guerras. Sabem detalhes sobre cada um deles. Pertencimento familiar, problemas enfrentados na infância, história da família, localização da residência, histórico

de crimes e atos ilícitos cometidos e lembranças pessoais, que marcam a singularidade da existência pessoal dos jovens, são alguns dos indexadores que usam para discorrer sobre os jovens que foram “derrubados”. Nos oito meses da minha pesquisa de campo, contabilizei 25 jovens mortos entre janeiro e dezembro de 2008 em conflitos de gangues, acertos de contas, dívidas de drogas e vítimas de práticas de extermínio. Pelo que me disseram, em 2007, foram mais de 35 jovens mortos nesses conflitos. Há uma interpretação dos jovens sobre o caráter cíclico dessas guerras, de modo que existe situação de guerra e situação de “guerra fria”. Um dos jovens do Serviluz está escrevendo um livro sobre essa história. Várias letras de Rap narram situações e eventos dessas guerras. Enfim, os jovens possuem seus meios simbólicos de organizar a confusão das relações de poder entre eles, mas o inesperado dos ataques desorganiza tudo, inclusive rotinas e vida cotidiana.

Como a favela está dividida em facções guerreiras com arsenais próprios de armas de fogo, para os jovens diretamente envolvidos nas “tretas” é um desafio constante e permanente caminhar pelas ruas e becos da favela. Seguem-se, nessas relações de guerra, os marcadores de lugar referidos anteriormente, ou seja, Pracinha, Campo, Estiva, Favela e Titanzinho.

Precisa-se aprender a caminhar, margeando os muros, aproveitando as sombras, e sempre de cabeça erguida para poder visualizar a cada passo os movimentos das esquinas, pois jovens de facções rivais podem fazer incursões surpresas para matar algum jovem marcado para morrer e, numa dessas incursões, periga-se morrer de bala perdida ou de “bala achada”.

Quais são as condições de existência de um trabalho de campo? Se o trabalho de campo é baseado em relações sociais de conhecimento, no meu caso, o projeto Serviluz Sem Fronteiras tornou-se efeito e condição da produção do conhecimento no campo.

Serviluz Sem Fronteiras é um coletivo antropológico que atua em rede, em regime de autogestão, focado em atividades culturais envolvendo audiovisual, fotografia, surfe, literatura, mídias digitais e música no Serviluz. Uma casa alugada em sistema de “vaquinha” (contribuições de todos os participantes) funciona como sede do projeto. Os jovens custeiam as despesas da casa com serviços prestados a ONGs parceiras do projeto dentre outros “bicos”; portanto, há certa instabilidade financeira da casa ao passo que a rede se fortalece pela inserção cotidiana no bairro.

O Serviluz Sem Fronteiras é gerido por um conselho orientador, atualmente composto por dez jovens, que são os ativos sujeitos da minha pesquisa de campo. Aliás, como veremos, o Serviluz Sem Fronteiras é um evento que possibilitou o próprio trabalho de campo aqui em pauta, no sentido de ter dado condição de existência à produção de conhecimento. É esse caráter de evento que traz o elemento singular, particular e, quiçá, universal para a reflexão metodológica proposta por este relato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades simbólicas das pessoas do Serviluz concentram-se de modo pertinente em quais domínios da vida social? A partir de quais categorizações as relações sociais são construídas? Como discorrer sobre as práticas de sentido dos jovens, se eles são criativos, em devir criativos, ou seja, como discorrer sobre as práticas culturais do se tornar uma pessoa? Como romper com os dualismos da teoria social para discorrer sobre os discursos contínuos e ternários e/ou descontínuos e binários dos jovens em devir criativo, a partir das classificações e processos simbólicos que os constituem? Quais os sistemas de delimitação e as redes de práticas culturais que

garantem o processo de subjetivação dos jovens criativos na cidade de Fortaleza? Como a arte, tida processo de subjetivação do objeto, é usada como recurso na subjetivação do sujeito e vice-versa? Como discorrer sobre o conceito nativo de criatividade dos jovens que se definem a si mesmos como criativos contestadores culturais, críticos, alternativos, intelectuais do povo? Quais os recursos e os repertórios das performances expressivas desses jovens criativos?

Qual o trabalho de mediação que eles realizam no dispositivo central da cultura contemporânea? Como traduzir a “imaginação conceitual” dos jovens criativos nos termos da antropologia? Como evitar transformar minhas questões de pesquisa em questões de autoantropologia do antropólogo?

Como pensar a imaginação, criatividade e pensamento conceitual dos jovens interpelados pela pesquisa em linguagem analítica a partir desse mundo social? Quais práticas de sentido podem ser elucidadas etnograficamente a partir das ferramentas conceituais da análise de rituais? Como apreender essas práticas e ferramentas como operadoras no uso efetivo do pesquisador, no campo de relações sociais da etnografia? Até que ponto o próprio processo fundacional de inserção antropológica do pesquisador inventaria fronteiras simbólicas que funcionam como condição de existência do mútuo reconhecimento (ou visibilidade?) entre sujeitos de significação e desejo tão próximos e distantes? A mútua percepção de modos distintos, ou seja, percebidos de modos distintos em seus ideais de Ego e imagens do Outro? Como rituais de inserção no campo favorecem a invenção, a multiplicidade e a troca de perspectivas como regime próprio de instauração de uma zona de fronteiras e intervalos entre as trocas? Discursos em relação com a alteridade no campo de pesquisa estão em função do saque, da dádiva ou da acumulação de experiências transformacionais, desfazem a alteridade na sua implicância?

O presente estudo nasce de um evento de incompreensão.

Qual o melhor nome para designar a experiência dos jovens do Serviluz, em relação aos seus modos de pensamento, formas de organização e modalidades de interação, que escapam aos regimes majoritários de verdade, conhecimento, ética e subjetivação? Diante do bombardeio de palavras chulas, ministradas didaticamente pelos veículos de comunicação, contra os jovens das periferias, resta-nos a clausura ou a insensatez dos argumentos carcomidos por essas ações culpadas de tanto dardejar o que não reconhecem em si mesmos, o que não seria uma escolha, propriamente dita, ou então chamar à experiência desses jovens de “criatividade”. Mas qual o conteúdo específico dessa criatividade, se essa categoria mesma foge ao modo de compartimentalizar desses jovens? De que me serve iniciar esforços de pesquisa, a partir de uma categoria formal, geral e vazia que diz mais sobre o modo como não compreendendo a não compreensão de quem quero pesquisar?

Metodologicamente, em vez de retratos, gostaria de fazer, a partir destas questões e da abertura que esse texto tenta promover numa pesquisa em andamento, a etnografia das problematizações, de modo que, em vez de representados etnograficamente, os jovens, com quem entretive e entabulei relações, sejam figurados pela relação que mantive e que mantemos com eles. Na dimensão figural de apresentação de relações se localiza o cerne da adjetivação cultural desse empreendimento de pesquisa (ver GOLDMAN, 1999). É na análise das experiências de recusa das formas de subjetivação estabelecidas, nos movimentos das “virtualidades minoritárias”, que se localiza a questão de investigar em que medida há como nos sugere Marcio Goldman, “formas de autorreconhecimento e de subjetivação desvinculadas dos mecanismos de poder” (1999, p. 72).

Em que medida a investigação de campos de saber e de relações de poder pode estar centrada na dimensão constitutiva da experiência de si desses jovens, em cujas formas de

problematização e técnicas de si e, portanto, para além delas? Como compreender a relação para consigo numa antropologia do sujeito, a partir do trabalho de campo sobre práticas discursivas e não discursivas de jovens do Serviluz, é o desafio e a intenção geral desse empreendimento cognitivo e micropolítico que apenas começa.

NOTAS

¹ O Serviluz é um aglomerado humano praiano, uma “favela” à beira-mar, composta por famílias migrantes do interior do Ceará, com origem social fortemente ligada à pesca artesanal e à agricultura familiar tradicional, deslocadas para o meio urbano como redes familiares que se ramificam por vários becos, barracos, favelas circunvizinhas e não perdem suas ligações com o local de origem. Existem cinco mil famílias numa estreita faixa de praia entre o Cais do Porto e a Praia do Futuro. São aproximadamente 35 mil pessoas adensadas em um trecho de um quilômetro de praia. A atual ocupação do Serviluz iniciou-se na década de 1940, mantendo uma ligação estreita com a construção do Porto do Mucuripe. Sobre a história do lugar, consultar Nogueira (2007). Trata-se do historiador, André Nogueira, “nascido e criado” no Serviluz, cuja dissertação de mestrado em História (PUC-SP) é um documento fundamental da autoantropologia do lugar. André também é líder da comunidade, coordena um projeto de cooperativa digital chamado de Titanzinho Digital.

² Estou me apoiando aqui na interpretação de Gupta e Ferguson (1997) sobre os problemas relativos ao conceito de campo na produção do conhecimento antropológico.

³ Talvez, a noção de intervenção, nessa perspectiva, precise passar pelo crivo da crítica, uma vez que esta noção pode reproduzir de modo sorrateiro divisões do tipo dentro/fora consagradas pelas formas da sociabilidade estatal, ou seja, podem introduzir, na produção do conhecimento, as armadilhas do discurso do estatismo. Retomaremos esse ponto nas considerações finais desse artigo.

⁴ Considero aqui que o rendimento analítico e metodológico propostos por Viveiros de Castro, nos dois artigos diretamente citados e

em Viveiros de Castro (2002b), e nas reflexões de Goldman (1999) são fundamentais para nortear esse debate intelectual.

⁵ Essas questões foram diretamente inspiradas pela leitura do capítulo 4, *Imanência do inimigo*, de Viveiros de Castro (2002b). Algumas pistas nos são dadas pela leitura das pesquisas deste autor, em especial, a possibilidade de aplicação dos conceitos de pessoa fractal, de corporalidade guerreira e violência para analisar o universo social dos jovens da favela. Por outro lado, em Marcio Goldman (1999), tomamos o roteiro intelectual da discussão clássica sobre pessoa e técnicas corporais, inaugurada por Marcel Mauss, buscando-se o diálogo com as tradições antropológicas que se apropriaram dessas ferramentas conceituais como modo de problematizar e fazer render analiticamente os dualismos estabelecidos pela teoria social, em termos de pares conceituais com indivíduo-sociedade, natureza-cultura, corpo-alma, homem-mulher, parte-todo, comunidade-sociedade e privado-público.

⁶ Esses marcadores de lugar funcionam como indexadores das fronteiras que orientam as guerras entre os jovens, como veremos mais adiante e restringem a circulação de pessoas e valores, são toponímias do bairro que geram fronteiras de poder.

⁷ Interessante notar que a memória social dos moradores invoca metáforas históricas sobre os primeiros moradores dos tempos antigos, que habitavam o lugar, antes de 1940, quando o que viria a ser o Serviluz, era apenas uma pequena aldeia de pescadores, época em que recebeu a visita ilustre de Orson Wells para as filmagens no Grande Mucuripe de *It's All True*. De qualquer modo, a medida da memória dos jovens do Serviluz são as últimas sete décadas de ocupação do lugar. Para os jovens, o bairro existe há, aproximadamente, 70 anos. Como evidencia a letra de Rap, do grupo Farol Rap, intitulado *Décadas Passadas*, na qual se fala da discriminação contra a população do Serviluz como um elemento constitutivo da vida cotidiana das pessoas do bairro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Antropologia e poder: uma resenha de etnografias americanas recentes*. BIB, Rio de Janeiro, n. 27, p. 3-50, 1989.
- GOLDMAN, Marcio. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Discipline and Practice: “The Field” as Site, Method, and Location in Anthropology. In: GUPTA, Akhil; FERGUSON, James (Org.). *Anthropological Locations: Boundaries and Grounds of a Field Science*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- NOGUEIRA, André. *Fogo, Vento, Terra e Mar: a arte de falar dos trabalhadores do mar*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Lazer do Município de Caçapava, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Filiação intensiva e aliança demoníaca. In: *Novos Estudos* 77, 2007.
- _____. O nativo relativo. In: *Mana*, vol.8, n° 1, p.113-148, 2002a.
- _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b.